

AS ARTES MARCIAIS MISTAS COMO TEMA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA E HUMANIDADES

Julio Cesar da Silva Cardoso¹
Renan Santos Furtado²
Carlos Nazareno Ferreira Borges³

Resumo: Trata-se de um estudo que abordou a produção de conhecimento sobre as Artes Marciais Mistas (MMA) em periódicos científicos da Educação Física e Humanidades. Assim, teve como objetivo geral: investigar o lugar do MMA na produção de conhecimento da Educação Física e Humanidades. Após a busca nos sites das revistas, foram selecionados vinte e um artigos. Com auxílio da técnica da análise de conteúdo, elaboramos três categorias explicativas do material selecionado, que são: 1) MMA Construindo um espetáculo; 2) MMA e Mulheres atletas; 3) MMA, performance e o *ethos* do guerreiro. A pesquisa indica a carência da produção de conhecimento sobre MMA nas regiões Centro-Oeste e Norte. Em termos gerais, os estudos consultados são influenciados sobretudo pelo campo da Sociologia do Esporte. Além disso, existem poucos apontamentos sobre o tratamento do MMA no âmbito da Educação Física escolar.

Palavras-chave: MMA; Produção do conhecimento; Sociologia do esporte; Educação física; Humanidades.

Mixed Martial Arts as a Theme of knowledge production in Physical Education and Humanities

Abstract: This is a study that addressed the production of knowledge about Mixed Martial Arts (MMA) in scientific journals in Physical Education and Humanities. Thus, its general objective was: to investigate the place of MMA in the production of knowledge in Physical Education and Humanities. After searching the magazine websites, twenty-one articles were selected. With the help of the content analysis technique, we created three explanatory categories of the selected material, which are: 1) MMA Building a show; 2) MMA and Women athletes; 3) MMA, performance and the warrior ethos. The research indicates the lack of knowledge production about MMA in the Central-West and North regions. In general terms, the studies consulted are

¹ Estudante de graduação do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBIC-UFPA). Membro do Centro Avançado de Estudos em Educação e Educação Física (CÂE-UFPA). Membro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Email: juliocardgreen@gmail.com

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED). Professor DIII-1 da Universidade Federal do Pará (UFPA), da carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), lotado na Unidade Acadêmica Escola de Aplicação. Pesquisador do Centro Avançado de Estudos em Educação e Educação Física (CAÊ-UFPA), atuando na Vice-liderança do grupo e na linha de pesquisa de "Corpo, Cultura Corporal e Práticas Corporais". Associado ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), atuando como Revisor de trabalhos acadêmicos para eventos nacionais da entidade e como membro da Coordenação e Comitê Científico do GTT de Epistemologia desde 2021. Membro do Coletivo Luta Marajoara. Email: renan.furtado@yahoo.com.br

³ Doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho; Pós-doutorado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Docente Titular da Universidade Federal do Pará, atuando na graduação em Educação Física e Pedagogia. É docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA). Email: cnazareno@ufpa.br

mainly influenced by the field of Sociology of Sport. Furthermore, there are few notes on the treatment of MMA within the scope of school Physical Education.

Keywords: MMA; Knowledge production; Sociology of sport; Physical education; Humanities.

1. Introdução

As lutas corporais como fenômeno social assumem múltiplas facetas na sociedade contemporânea. Tal aspecto, indica a necessidade de aprofundamento de estudos e reflexões a respeito, dado que o universo das lutas se relaciona tanto com o campo social, uma vez que se trata de uma prática corporal vivenciada ou consumida por milhares de pessoas, como com práticas de escolarização no âmbito da Educação Física escolar (Autor; Autor, 202...). De acordo com Rufino e Darido (2011), várias sociedades no decorrer da história fizeram uso das lutas devido às necessidades de sobrevivência, o preparo militar, a defesa pessoal e a busca pelo divertimento. Assim como, motivadas por questões tradicionais, simbólicas, religiosas, filosóficas e competitivas.

Do ponto de vista normativo, pode-se dizer que as lutas focalizam as disputas corporais nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário (BRASIL, 2018). Gomes *et al.* (2010) indicam que a luta na qualidade de atividade competitiva apresenta algumas especificidades, tratadas como princípios condicionais presentes em todas as suas manifestações, que são: contato proposital, fusão ataque/defesa, oponente/alvo, imprevisibilidade e regras. Ou seja, nas lutas, busca-se sempre o contato proposital com o corpo do oponente, sendo esse confronto movido pelo ataque e defesa de modo simultâneo, mediante regras previamente estabelecidas, tornando o resultado e as ações dos combates imprevisíveis.

Neste estudo, buscou-se realizar uma reflexão que aproxima os campos das lutas e do esporte, na perspectiva de compreender as imbricações entre esses fenômenos na contemporaneidade, fato esse que pode gerar desdobramentos para as instituições formativas e produção de conhecimento. É válido destacar, que o clássico estudo de Elias e Dunning (1992) de certo modo indica a proximidade entre as dinâmicas esportivas e algumas lutas, que provocam alto grau de excitação nos sujeitos em virtude das competições organizadas em torno da ideia de vivenciar uma forma de violência que pode ser tolerável e civilizada.

Utilizou-se de produções acadêmicas publicadas em periódicos científicos da Educação Física e Humanidades. Justificamos o debate em virtude da necessidade de compreensão do MMA como prática corporal de luta que assume forma esportiva, sendo um fenômeno cultural e contemporâneo para os campos da Educação Física e Sociologia do Esporte (MARIANTE NETO; VASQUES; STIGGER, 2021).

Em termos conceituais, é possível compreender o MMA como uma forma de luta que assume a condição de esporte de combate, em que os lutadores podem fazer uso de técnicas de diferentes artes marciais, visando finalizar o confronto ou vencer por somatória de pontos durante os *rounds*, utilizando de recursos das lutas praticadas em pé e no chão. Nesta modalidade, tem-se a presença cada vez mais contundente de regras bem delimitadas, divisões de peso, cuidado com a integridade física dos atletas e padronização do espaço e tempo dos combates. Na condição de esporte de combate, isto é, de uma luta que assume as características de regulamentação e sistema de disputa do esporte moderno, o MMA passa a ser concebido não apenas como uma prática corporal para a ocupação do tempo livre, mas sim, na qualidade de uma atividade laboral e empreendimento lucrativo capaz de um grande público consumidor ao redor do mundo.

Uma bibliografia recente, tem estudado certas características do MMA que o aproximam de um formato de esporte consolidado a partir da ideia do atleta como empresa. Desse modo, cabe pontuar o caso específico do MMA, que em sua configuração se difere substancialmente de outras modalidades esportivas, já que sua gênese é envolta da lógica da fase neoliberal do capitalismo (Mariante Neto; Vasques; Myskiw, 2022), e merece notável atenção pela diferenciação quanto às demais práticas esportivas da atualidade. Mesmo porque tem o diferencial de não ser exatamente uma prática, mas um *mixed* de práticas.

Enquanto características peculiares do MMA que a aproximam desta lógica neoliberal, podemos mencionar que a sua regulamentação esportiva é interna, isto é, realizada pelos próprios donos do evento⁴, os quais decidem quem luta contra quem luta, bem como quando e sob qual regimento a luta ocorre. Isso se diferencia de outras práticas esportivas, que são realizadas por organismos externos à prática (entidades reguladoras e federações).

⁴ Há diferentes eventos de MMA promovidos por empresas que se especializaram nesse tipo de investimento. Pode-se mencionar o *Ultimate Fighting Championship* (considerado o mais importante dos eventos da modalidade); o *Jungle Fight* (tratado por muitos sujeitos do campo como o maior evento da América Latina); *Titan Fighth Championship* (concebido como uma das portas de entrada para o UFC); *Legacy Fighting Alliance* (um dos mais recentes); entre outros.

Como objetivo geral, pretendeu-se: investigar o lugar do MMA na produção de conhecimento em Educação Física e Humanidades. Sobre o objetivo específico, buscou-se: compreender os campos de debate, os enfoques teóricos e as perspectivas da produção de conhecimento sobre MMA em Educação Física e Humanidades. Em termos estruturais, este trabalho seguirá com a explicação do caminho metodológico, para em seguida caminhar para a exposição e discussão dos principais resultados. Por último, faremos as nossas considerações finais.

2. Aspectos metodológicos do estudo

Para alcançar o objetivo do presente estudo, intencionou-se superar a contraposição entre pesquisas qualitativas e quantitativas. Apesar de possuir caráter reflexivo sobre uma temática específica na produção de conhecimento, que na percepção de Severino (2016), o colocaria na esfera qualitativa, o presente trabalho também almeja realizar uma sistematização numericamente registrada das frequências e incidências de nosso objeto, o que se aproxima de maneira semelhante da abordagem quantitativa da ciência (BARDIN, 2016).

O material selecionado para a coleta de dados foi o de revistas de produção científica relacionadas ao campo de conhecimento da Educação Física e Humanidades. Nossa busca ocorreu em periódicos de Qualis B1 a B3 que apresentam notoriedade e reconhecimento acadêmico no campo da Educação Física e Humanidades. Por tratar-se de um tema emergente, fez-se a escolha de não se realizar delimitação temporal. Nesse sentido, listamos os seguintes periódicos: Arquivos em Movimento com zero artigos, Biomotriz com zero, Conexões com um, Esporte e Sociedade com quatro, Fúlia com zero, Kinesis com zero, Licere com zero, Motrivivência com dois, Motriz com zero, Movimento com sete, Pensar a Prática com quatro, RBCE com três, RBEFE com zero e DEF com zero. Totalizando quatorze periódicos científicos e vinte e um artigos.

O critério de inclusão de textos foi de que o objeto central do artigo fosse o MMA. Já o critério de exclusão são dois, estudos que não tiveram o MMA como foco central, ou de revisão. O termo de busca inicialmente escolhido para a pesquisa dos artigos no *site* das revistas foi o MMA, e para refinamento dos resultados foram agregados junto ao primeiro termo as seguintes expressões: esporte, esportivização e práticas corporais, porém, os termos acabaram por não serem necessários na busca. Foi encontrado apenas um estudo de revisão intitulado de Mulheres atletas e artes

marciais mistas: uma revisão sistemática qualitativa (2020), e tinha o objetivo de refletir a respeito do estado da arte da presença das mulheres atletas no MMA.

Dentre as cinco regiões brasileiras, as únicas que não havia artigos publicados que versam com a temática do estudo, foram as regiões Centro-Oeste e Norte. Nordeste possui sete artigos publicados, Sudeste seis e Sul oito artigos. Levou-se em consideração a instituição na qual o autor principal é vinculado, para definir a região de produção do estudo.

A técnica escolhida para a análise, inferência e interpretação dos dados foi a análise de conteúdo de Bardin (2016). Seguindo a técnica proposta pelo modelo, após a pré-análise dos textos selecionados, os artigos foram sistematizados em categorias que fossem capazes de explicar e englobar o conteúdo dos trabalhos em generalidade. A partir de um agrupamento dos textos mediante as recorrências de termos e tendência de debates, surgiram as categorias: “MMA construindo um espetáculo”, com nove artigos; “MMA e mulheres atletas”, com seis artigos; “MMA, performance e o *ethos* do guerreiro”, com seis artigos.

A reflexão que estamos realizando é baseada em um conjunto de estudos dos campos da Educação Física e Sociologia do Esporte, em especial, nos trabalhos de Elias e Dunning (1992), Vasques e Beltrão (2013), Mariante Neto, Vasques e Stigger (2021) e Mariante Neto, Vasques e Myskiw (2022). Cabe dizer, que tais trabalhos foram selecionados em virtude das suas contribuições para a compreensão, logo, interpretação dos dados obtidos, em especial, acerca do fenômeno esporte.

3. Resultados e discussão

Neste momento, optou-se por discutir cada categoria em um tópico específico. Desse modo, será possível apresentar contribuições presentes em cada texto, e ao mesmo tempo, sintetizar aspectos gerais que englobam a discussão de cada categoria.

3.1 MMA: construindo um espetáculo

O título de “MMA construindo um espetáculo” para essa primeira categoria é proposital, dado que é a que manifesta grande representatividade no campo acadêmico, tanto pela quantidade de artigos que a compõe, como pela expressividade que apresenta dentro de todo o material interpretado. Além de realizar uma espécie de introdução teórica do fenômeno esportivo e contemporâneo que é o MMA, servirá de categoria balizadora para as demais pelo seu caráter explicativo, no sentido estrutural.

A partir do estudo dos artigos em questão, houve a recorrência dos termos: ‘indústria midiática’, ‘mídia’ e espetáculo’, que expressam de forma objetiva o sentido trazido por todo o material, abordando a perspectiva do esporte-empresa, lógica tão presente no MMA vendido pelo *Ultimate Fight Championship* (UFC). Assim, para iniciar a discussão, recorreu-se ao quadro 1, no qual será apresentado o material de análise contendo o título dos artigos, ano de publicação, autores e região dos autores.

Quadro 1 – Título, ano, autores e região do autor principal.

Título/ano	Autores	Região
Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta (2012).	Alvaro Rego Millen Neto. Roberto Alves Garcia. Sebastião Josué Votre.	Sudeste
As artes marciais mistas (mma) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência (2013).	Daniel Giordani Vasques.	Sul
MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar (2013).	Daniel Giordani Vasques. José Beltrão.	Sul
Mídia, mercadorização esportiva e o movimento de popularização do mma (2014).	Vamberto Ferreira Miranda Filho. Igor Sampaio Pinho Dos Santos.	Nordeste
Considerações sobre mídia e “heróis esportivos” do Mixed Martial Arts (2015).	Igor Sampaio Pinho Dos Santos. Vamberto Ferreira Miranda Filho.	Nordeste
A construção televisiva do mma: o programa tuf brasil e o processo de humanização do lutador (2021).	Flávio Py Mariante Neto. Daniel Giordani Vasques. Marco Paulo Stigger.	Sul
O mma no brasil: um panorama da modalidade (2021).	Fernanda de Alvarenga Miranda.	Sudeste
Se perder e der show, vai lutar de novo!” mma e o conceito de esporte (2021).	Flávio Py Mariante Neto. Daniel Giordani Vasques. Mauro Myskiw.	Sul
Da arte de artista no vale-tudo à arte de artesão no mma: uma análise eliasiana das lutas (2022).	Flávio Py Mariante Neto. Daniel Giordani Vasques. Marco Paulo Stigger.	Sul

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

O debate se inicia respondendo a algumas questões que circundam o surgimento, o desenvolvimento e a atual roupagem do MMA. Todavia é de suma importância salientar que, assim como informaram Mariante Neto, Vasques e Myskiw (2022), a luta que funda o MMA é o jiu-jitsu. A história dessa prática de luta urbana,

inicia-se com uma família emblemática e que possui total responsabilidade pelo surgimento dessa arte marcial, isto é, a família Gracie.

De acordo com os autores supracitados, o primeiro praticante da família Gracie foi Carlos Gracie, que foi treinado por Conde Koma na cidade natal da família em Belém-PA. Conde era um indivíduo de porte franzino que conseguia derrotar até os maiores dos lutadores. Em 1920, o primeiro lutador conhecido de fato no jiu-jitsu foi Carlos Gracie, o qual treinou com seu mestre até meados de 1922, momento em que ele e sua família se mudaram para o Rio de Janeiro. Então, Carlos começou a dar aulas para tropas policiais e posteriormente acabou por inaugurar sua academia em um bairro de grande destaque econômico (MARIANTE NETO; VASQUES; MYSKIW, 2022).

Com a popularização da prática, a família optou por promover desafios a outras artes marciais, objetivando atrair mais adeptos para sua academia. As disputas basicamente tinham a pretensão de demonstrar a superioridade do jiu-jitsu perante as demais artes marciais. Dentre as modalidades desafiadas, encontravam-se a capoeira, o boxe e o caratê, além de lutadores de rua. Após desafios e lutas ocorridas nos mais diversos espaços e locais e contando até mesmo com transmissões via rádio e anúncios em jornais, quem passou a assumir o posto de principal lutador da família foi Hélio Gracie, indivíduo não escolhido ao acaso, já que possuía todas as características que poderiam alavancar ainda mais o *status* do jiu-jitsu. Hélio era pequeno e franzino, e o principal *marketing* utilizado pela família era de que o adversário não poderia ser menor e nem mais fraco que Hélio, o que provaria a então superioridade da luta (MARIANTE NETO; VASQUES; MYSKIW, 2022).

Desse modo, a prática se popularizou por meio de desafios e grandes lutas idealizadas e realizadas pela família e em grande parte também pela eloquência que Hélio possuía, e pela sua facilidade de midiaticizar suas lutas e eventos, tornando-as cada mais atrativas para novos adeptos (MARIANTE NETO; VASQUES; MYSKIW, 2022). É possível notar que desde antes destas lutas assumirem o formato do MMA tal como o reconhecemos atualmente, a família Gracie já conseguia utilizar o poder dos meios de comunicação a seu favor, transformando seus eventos em espetáculos e midiaticizando-os ao extremo, no intuito de captar mais praticantes e consumidores.

É importante destacar que as lutas realizadas eram de profunda violência, uma vez que somente ocorria a intervenção do juiz em situações que atualmente seriam concebidas como extremamente violentas e inaceitáveis. Assim, as lutas que

aconteciam desta forma passaram a ser denominadas de ‘vale-tudo’. Sobre tal fenômeno, destaca-se que:

Nessa perspectiva, o jiu-jitsu se desenvolveu através desses desafios. Lutas em que não havia regras nem limite de tempo, apenas um juiz para intervir quando um lutador desmaiava ou desistisse do combate por estafa ou por ter sofrido uma quantidade excessiva de golpes. Apesar de o jiu-jitsu se caracterizar por uma luta sem golpes traumáticos (socos e chutes), nesses confrontos eram permitidos golpes de qualquer espécie e os combatentes se utilizavam de cotoveladas, cabeçadas, chutes e socos, além das técnicas de imobilizações articulares e estrangulamentos. Além disso, os lutadores não usavam luvas e combatiam sem proteções. Por estas características, esses desafios ficaram conhecidos como vale-tudo (MARIANTE NETO; VASQUES; MYSKIW, 2022., P. 11-12).

Em meados de 1980, Rorion Gracie, o filho mais velho de Hélio Gracie decide se mudar para os Estados Unidos com a intenção de propagar a sua luta em solo norte americano. Dava aulas em sua garagem, onde posteriormente montou a sua primeira academia de jiu-jitsu. Utilizava-se do mesmo artifício que foi aplicado no Brasil para divulgar a arte marcial, quer dizer, desafiar outros praticantes de artes marciais para captar mais adeptos para a sua academia (MARIANTE NETO; VASQUES; MYSKIW, 2022).

A medida em que estes embates e a popularização do Gracie jiu-jitsu cresciam, idealizou-se o primeiro evento por Rorion Gracie, que contava com o apoio do publicitário Art Davie, junto com o diretor de Hollywood John Milius (produtor de grandes filmes) e a assistência de uma empresa de entretenimento televisivo (Vasques; Beltrão, 2013). Nas primeiras lutas do evento não existiam regras bem definidas, como classificação de peso, tempo limite, *rounds*, pontuações e nem júris, o único fim possível da luta era por submissão ou nocaute (VASQUES, 2013).

Com o passar dos tempos, foram acrescentados cada vez mais termos e regras, como a criação de um *cage* de oito lados. Assim, as lutas poderiam terminar por intervenção do juiz ou por desistência, e os convidados normalmente eram os melhores praticantes de suas respectivas modalidades, tais como caratê, boxe, judô, jiu-jitsu, luta greco-romana, dentre outras, os quais realizariam combates eliminatórios até chegarem à final para disputar um cheque de 50 mil dólares (Vasques; Beltrão, 2013).

Após várias edições do campeonato, alguns executivos decidiram adicionar mais regras na prática. Por motivos políticos⁵, as lutas passariam a ter categorias por peso,

⁵ “No entanto, o maior prejuízo para os organizadores ocorreu de 1997 a 2000, quando a maioria dos canais de TV pagos aceitou a pressão política e se recusaram a transmitir os eventos. Neste momento, o mercado lucrativo do UFC estava à beira da falência” (Vasques; Beltrão, 2013, p. 3). Tal fato obrigou a empresa a implementar diversas regras e normas.

seriam limitadas de três a cinco *rounds* de 5 minutos, e os atletas deveriam utilizar os equipamentos ideais para essa prática. Nesse momento, Rorion Gracie vende sua parte da franquia e se retira oficialmente das disputas (MARIANTE NETO; VASQUES; MYSKIW, 2022).

Todavia, o então império em crescente ascensão, o *Ultimate Fight Championship* (UFC), começou a sofrer embargos políticos no ano de 1996. Após órgãos estadunidenses constatarem o elevado grau de violência presente nos *shows*, o então senador republicano John McCain, iniciou uma campanha política que se punha como contrária a esta forma de luta, pedindo apoio de outros governantes, sendo tal movimento apoiado pela *American Medical Association*. O movimento gerou repercussões, e assim, nos próximos 4 anos que se seguiram, a empresa sofreu fortes sanções políticas, e os canais televisivos a fim de evitarem problemas com o governo norte-americano, recusaram-se em transmitir os eventos (VASQUES; BELTRÃO, 2013).

O movimento de transformação experimentado pelo vale-tudo, quando passa a ser chamado de MMA, segue em sentido semelhante ao contexto relatado por Elias (1992), o qual descreve uma mudança ocorrida no boxe do século XVIII, já que as atividades antecessoras desta prática, não utilizavam proteções nas mãos e era permitido o uso das pernas como armas, por falta de uma regulamentação mais rígida. Nesse sentido, a sociedade se modifica, tal qual a descrita por Elias (1992) na Inglaterra do século XVIII, ou seja, passa por um processo de esportivização, que pode ser traduzido em uma maior regulamentação da prática e menor tolerância a atos excessivamente violentos. Tal acontecimento é relatado por Dos Santos e Miranda Filho (2015):

Sofrendo pressões políticas devido à violência presente nos combates sem regras, o UFC passou por uma série de mudanças para chegar ao molde atual. O primeiro passo foi a busca pela regulamentação da prática das lutas junto às comissões atléticas dos Estados Unidos, no início dos anos 2000. Em seguida, aboliu-se o termo Vale-Tudo, que fazia alusão a combates violentos, mudando para Mixed Martial Arts (MMA), quando passou a ter regras bem definidas, tornando-se uma prática corporal esportivizada” (DOS SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015, P. 7).

A peça-chave para a reformulação do MMA, foi o empreendedor Dana White, que com a instituição de novas regras e regulamentações conseguiu conquistar apelo popular, tanto a nível nacional nos Estados Unidos, quanto a nível internacional, tomando os holofotes que antes eram do evento japonês Pride, um de seus maiores

concorrentes (MILLEN NETO; GARCIA; VOTRE, 2016). Para isso, era necessário modificar a imagem antes veiculada ao vale-tudo, para um novo modelo mais condizente com um mundo cada vez menos tolerante a atos excessivamente violentos.

Algumas das estratégias utilizadas por Dana White, respondem à lógica mercadológica que essa nova modalidade de negócio exigia. A primeira tem relação com a saída dos Gracies do UFC, já que com a diminuição do tempo de exibição nos canais pagos, a família perderia seu grande elemento de vantagem em uma luta, ou seja, o tempo, pois, uma de suas estratégias era prolongar a luta durante longos períodos e se aproveitar do cansaço do adversário para a aplicação de suas finalizações típicas de sua prática (MILLEN NETO; GARCIA; VOTRE, 2016).

Portanto, o momento em que marca a saída dos Gracies do UFC, aponta para uma estratégia de preservação do Gracie jiu-jitsu construído durante décadas e da afirmação da honra de sua família, para um modelo de profissionalização e subsistência. É preciso pontuar que, por mais que a família Gracie praticasse a modalidade de Artes Marciais Mistas, seu foco central sempre foi o jiu-jitsu, em especial, a promoção do seu estilo. Nesse sentido, a diminuição do tempo de luta, retiraria o principal artifício do estilo de luta deles, o tempo, já que se utilizavam da exaustão dos adversários para realizarem a aplicação de alavancas e chaves. A diminuição estratégica do tempo, é fator decorrente da grande profissionalização da modalidade, logo, em lutas que se aproximam mais de um espetáculo (Millen Neto; Garcia; Votre, 2016).

Já a segunda estratégia de Dana White, tem relação com as dramatizações realizadas no *reality show*, protagonizados no *The Ultimate Fighter (TUF)*, série televisiva estadunidense que alojava vários lutadores em uma casa, e semanalmente competiam entre si pela chance de conseguir um contrato lucrativo no UFC (MIRANDA, 2021). Já no cenário nacional, houve o programa televisivo chamado TUF Brasil. Seu intuito, além de popularizar o MMA no país, tinha como objetivo construir uma imagem humanizada dos lutadores, apresentando os seus dilemas, anseios e dificuldades, e conseqüentemente aproximando-os do público geral (MILLEN NETO; GARCIA; VOTRE, 2016; MARIANTE NETO, VASQUES, STIGGER, 2021).

Após as mudanças ocorridas em sua configuração, o MMA ganhou mais evidência na esfera mundial e se tornou um fenômeno midiático ainda mais expressivo, conquistando cada vez mais telespectadores e apreciadores (Alvarez; Marques, 2011). No Brasil, sua popularidade alcançou um novo patamar em 2011 por meio do evento

UFC Rio, transmitido pela Rede Globo de televisão. Na ocasião, o evento alcançou 22 milhões de telespectadores no Brasil e contou com a narração de Galvão Bueno⁶, que ressaltou o caráter inédito do esporte, que a cada dia ganhava mais e mais adeptos ao redor do mundo (Vasques, 2013; Dos Santos; Miranda Filho, 2015)

Quais são os fatores que levam os eventos de MMA realizados pelo UFC a serem práticas tão espetacularizadas? Para Debord (2003), na sociedade do espetáculo, tudo pode ser mercadoria. Os elementos que compõem o cenário, as músicas que acompanham a entrada dos lutadores, a iluminação do evento, movimentação de câmera e até mesmo a voz veemente do locutor e emblemático Bruce Buffer, são apenas algumas das ferramentas nesse complexo maquinário, o qual possui a finalidade de atrair cada vez mais telespectadores, ou melhor dizendo, clientes consumidores do espetáculo (Vasques, 2013a; Santana da Silva; Jaeger; Silva, 2021).

Na lógica de um esporte que precisa atender as demandas do mundo globalizado, em especial, da televisão, os caminhos que se seguem o MMA pretendem responder aos desejos do público e a possibilidade do formato televisivo. Nesse sentido, a luta precisa ser mais dinâmica, os momentos sem ação necessitam ser reduzidos, deve existir um tempo total de enfrentamento, as pausas são realizadas de maneira estratégica para a veiculação de propagandas (VASQUES, 2013). Por fim, todo esse cenário é responsável por configurar o MMA vendido pelo UFC, um esporte altamente midiaticizado, mercadológico e espetacularizado.

3.2 MMA E MULHERES ATLETAS

A segunda categoria, intitulada de “MMA e mulheres atletas”, trata do papel das mulheres como atletas dentro do universo do MMA, bem como, a luta que se trava contra a sociedade e até com os companheiros de ringue, em virtude de o MMA ser considerada uma prática de cunho quase que exclusiva para o público masculino. Ao longo da análise dos textos, surgiram questões importantes, tal qual: como desconstruir discursos de interdição, discriminatórios e estigmatizantes? A máxima que pode ser percebida é de que a figura da mulher clama por uma resignificação no campo do MMA. Para iniciar a discussão da segunda categoria, recorreu-se ao quadro

⁶ Em novembro de 2011, pela primeira vez as lutas de MMA foram transmitidas em TV aberta no Brasil. Foi escolhido um horário ‘nobre’ da modalidade luta (a virada de sábado para domingo), e colocado o considerado melhor narrador esportivo da rede, Galvão Bueno, para a transmissão. Era a inauguração da divulgação midiática em massa da modalidade no Brasil. Melhores detalhes ver em <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/11/ufc-combate-sera-transmitido-pela-primeira-vez-na-tv-globo-saiba-mais.html> Acesso em 12 de julho de 2023.

2, no qual se apresenta o material de análise contendo o título dos artigos, ano de publicação, autores e região dos autores tomados nessa categoria.

Quadro 2 – Título, ano, autores e região do autor principal.

Título/ano	Autores	Região
Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts. (2008)	Samuel Oliveira Thomazini. Cláudia Emília Aguiar. Felipe Quintão Almeida.	Nordeste
Esporte, mulheres e masculinidades (2010).	Diego Luz Moura. Gilmara dos Santos Bentos. Felix Oliveira dos Santos. Hugo Lovisolo.	Sudeste
Análise de tempo-movimento em combates de mixed martial arts (mma): comparações entre gêneros (2015).	Fabricio Boscolo Del Vecchio. Kevin Cavalheiro da Silva. Bianca Miarka.	Sul
Resenha do livro mulheres no octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades (2017).	João Paulo Fernandes Soares. Ludmila Mourão. Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes.	Sudeste
Autoapresentação corporal de lutadoras de artes marciais mistas (mma) no Instagram (2021).	João Paulo Silva de Oliveira. Christiane Garcia Macedo. Alvaro Rego Millen Neto.	Nordeste
Discursos de estudantes de licenciatura em desporto acerca das mulheres atletas de artes marciais mistas (2021).	Grasiela Oliveira Santana da Silva. Angelita Alice Jaeger. Paula Silva.	Nordeste

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

A entrada das mulheres no MMA inicialmente se dá principalmente como *ring girls*, que em geral são jovens com corpos esguios e seminuas, cujas função é a de anunciar cada início de *round* (cada etapa de uma luta). Assim, evidencia-se certa presença da ideia do corpo feminino como objeto nesses grandes eventos (SANTANA DA SILVA; JAEGER; SILVA, 2021). O caminho seguido pelo MMA é semelhante ao ocorrido nas demais modalidades de luta. Oliveira, Macedo e Millen Neto (2021) dizem que, em geral, as lutas que possuem caráter profundamente masculinizadoras, são perpassadas por relações de poder de formas diferentes como: menor espaço disponibilizado por diferentes artefatos midiáticos, um menor acesso e conseqüentemente uma menor permanência na modalidade, além de menor quantidade de campeonatos. Nesse sentido, tais elementos evidenciam a grande dificuldade, pouca abertura e incentivo às mulheres no esporte.

A forma como a figura feminina é representada nos meios midiáticos demonstra um padrão que difere bastante da maneira que a imagem masculina é retratada. O homem é exaltado mais por meio de suas realizações atléticas, e por outro lado, a abordagem da mídia esportiva com a mulher atleta tende a ser mais voltada à atratividade, emotividade, heterossexualidade, e ao papel de esposa e mãe (Oliveira; Macedo; Millen Neto, 2021). Os papéis de gênero estereotipados são reforçados pelo modo como a figura feminina é representada nas imagens, possuindo características mais “apropriadas ao gênero”, as quais são poses paradas ou passivas, ao invés de ações atléticas (OLIVEIRA; MACEDO; MILLEN NETO, 2021).

A presença das lutadoras do sexo feminino pode ser considerada como recente nos eventos do UFC, sendo sua primeira participação em 2013, após 20 anos do primeiro evento da franquia. Por se tratar de uma modalidade esportiva que reforça os ideais masculinizantes, a integração das lutadoras implicou demandas que vão além da prática em si. Dessa forma, para serem valorizadas em grandes empresas do MMA, é posta uma regra tácita, que não é regra propriamente do jogo, todavia é extremamente esperada, que demanda que a lutadora seja forte e competitiva, mas que não se distancie de uma imagem conservadora e em certa medida, erotizada, do que é ser mulher (OLIVEIRA; MACEDO; MILLEN NETO, 2021).

A partir dos estudos realizados por Thomazini, Moraes e Almeida (2008), foram encontrados dados que apontam que o ambiente dos espaços de esportes de combate e/ou artes marciais são dominados quase que hegemonicamente por uma cultura masculina, permeada, por uma semântica da virilidade que considera a presença feminina uma afronta à ordenação simbólica daquele universo (THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2008). Ao longo da pesquisa dos autores anteriormente citados, houve relatos que mostraram de modo mais evidente a lógica de que esse esporte e ambiente não seriam os mais adequados para a mulher, por conta de sua individualidade biológica. Sobre isso, um dos participantes colaboradores do estudo de Thomazini, Moraes e Almeida (2008, p. 5) relata que:

Para ser sincero acho ridículo. [...] acho que o MMA não está envolvido diretamente com mulheres. O esporte para a mulher seria o judô, o jiu-jitsu, o taekonwdo; acho que a mulher não tem essa agressividade que o homem tem a ponto de disputar o MMA, então não acho certo ou tão eficaz a mulher praticar o MMA.

Por meio desse relato, é possível dizer o que parte dos praticantes de MMA pensam em relação à presença de mulheres praticantes em meio ao seu espaço e seus

treinamentos. Todavia, não são somente os homens que demonstram essa aversão à presença das mulheres lutadoras nesses espaços, já que outras mulheres também possuem certa aversão a presença da mulher praticante nesses ambientes, ainda mais quando elas fogem do padrão estético que se espera de uma mulher. A frase “tem que continuar mulher” surge em uma entrevista com estudantes universitárias, em uma pesquisa de Santana da Silva, Jaeger e Silva (2021).

A fala apresentada pelos autores supracitados é extremamente emblemática e traduz todo o sentido esperado pela sociedade. A presença das mulheres nesse meio somente é legitimada se ela é bela e sensual. Dessa forma, seu corpo se torna um dos pilares para defender a sua profissão e maior ocupação de espaço por outras companheiras dentro do MMA feminino (SANTANA DA SILVA; JAEGER; SILVA, 2021). Assim, caso sejam percebidas com demasiadas características socialmente concebidas como masculinas, tendem a enfrentar preconceitos.

No mesmo estudo que vimos mencionando, há discursos que apoiam a participação da mulher na condição de atleta como algo valoroso no MMA, do tipo: “eu acho que agora, as mulheres estão entrando muito forte e quebrando todos esses paradigmas”, “com treino, vontade e talento qualquer mulher pode lutar”, (Santana da Silva; Jaeger; Silva, 2021, p. 9). Essas são algumas das falas dos estudantes entrevistados no estudo, e denotam que é direito da mulher, e é possível com treino e determinação, ocuparem esses espaços, tidos como exclusivamente do nicho masculino. Sobre isso, os autores do estudo dizem que “os corpos assumem formas de ser e estar no mundo em meio a relações sociais estruturadas/legitimadas/demarcadas pelo essencialismo biológico.” (SANTANA DA SILVA; JAEGER; SILVA, 2021, P. 9).

Assim, a atual situação das mulheres atletas presentes no MMA ainda é turbulenta, principalmente em decorrência de fatores históricos que ligam a figura feminina a uma condição de indivíduo mais fraco, frágil e desprotegido. Todavia, é positivo o fato de que as mulheres vêm progressivamente demarcando esses espaços e ocupando posições importantes nos esportes de combate. Ainda que sua presença e maneira de lutar, manifeste-se de maneira diferenciada da do gênero masculino (DEL VECCHIO, SILVA, MIARKA, 2015), talvez a forma de legitimar sua presença neste espaço, ocorra justamente por meio destas vias, ou seja, a expressão da diversidade e pluralidade de modos de se praticar MMA.

Dessa maneira, existem lutadoras que reforçam essa perspectiva, como o caso de Ana, uma lutadora de MMA de nível nacional e internacional, que fez a seguinte

afirmação em uma entrevista: “Eu não quero ser homem, quero ser uma mulher lutando” (LOVISOLO *et al.*, 2010). O relato em questão, corrobora com a real perspectiva da mulher transitar na condição de lutadora, nos mais diversos espaços, em especial, nas academias e ringues. Há um longo caminho a ser traçado para que elas sejam aceitas de forma plena e completa no campo dos esportes de combate. Mas, é inegável assumir que houve avanços, que ocorreram sobretudo em virtude da luta das mulheres no campo social como um todo.

3.3 MMA, performance e o *ethos* do guerreiro

A terceira e última categoria recebeu o título de “MMA, performance e o *ethos* do guerreiro” por conta dos textos que a compõem buscarem explicar os seguintes aspectos: como o corpo do lutador reage aos estímulos imposto pelos treinamentos de MMA? De que forma ocorre a gênese dos ideais que formam o guerreiro? O que é necessário para se tornar um verdadeiro lutador? O que está dito nas entrelinhas e o que está posto no código de conduta do guerreiro, visto que esse último se constitui de regras não necessariamente verbalizadas. Para iniciar a discussão, será exposto o quadro 3, que apresenta o material de análise, contendo o título dos artigos, ano de publicação, autores e região dos autores.

Quadro 3 – Título, ano, autores e região do autor principal.

Título/ano	Autores	Região
Mixed martial arts: rotinas de condicionamento e avaliação da aptidão física de lutadores de pelotas/rs (2013).	Fabício Boscolo Del Vecchio. João Luís Mulling Ferreira.	Sul
Resenha do livro "filho teu não foge a luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial", escrito por Fellipe Awi, Editora Intrínseca (2013).	Bruno Linck. Jorge Moreira. Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro.	Sudeste
Mais do que uma “questão de peso”: análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de mma (Mixed Martial Arts) Ronda Rousey e Cris Cyborg (2016).	Leila Salvini. Wanderley Marchi	Sul
Lactato sanguíneo e percepção subjetiva de esforço em luta simulada por atletas de mma (2016).	André Filipe Lopes Siqueira. Antonio Arruda. Paulo Adriano Schwingel.	Nordeste

A etiqueta da violência: mestre, irmãos de treino e família na equipe de MMA (2021).	Flávio Py Mariante Neto. Daniel Giordani Vasques. Maitê Venuto de Freitas. Marco Paulo Stigger	Sul
A configuração do esporte contemporâneo a partir de uma etnografia no MMA (2023)	Flávio Py Mariante Neto. Daniel Giordani Vasques.	Sul

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

As Artes Marciais Mistas, como modalidade teve sua origem em uma luta sem regras, também conhecida pela sua alta intensidade e por se localizar geralmente em uma gaiola/octógono. Contudo, houve um movimento político e midiático que resultou na instituição de 32 regras básicas, as quais visam garantir ao máximo a integridade dos lutadores. Trata-se de uma iniciativa complexa, considerando que falamos de uma prática composta por técnicas e habilidades de diversas lutas, tais como: boxe, wrestling, judô, kickboxing, taekwondo, muay thai e caratê, dentre outras modalidades que acontecem em forma de uma luta livre (LOPES SIQUEIRA; ARRUDA; SCHWINGEL, 2016).

A vitória dentro do octógono é finalidade dos confrontos, dessa forma, há a presença de golpes contundentes que utilizam o máximo da capacidade de explosão muscular dos atletas, o que demanda altas quantidades do metabolismo glicolítico do competidor e um desempenho físico adequado (LOPES SIQUEIRA; ARRUDA; SCHWINGEL, 2016). É necessário que exista equilíbrio da aptidão anaeróbica e aeróbica do lutador, e que esses fatores estejam alinhados em seu treinamento (DEL VECCHIO, FERREIRA, 2013). Nesse sentido, o preparo físico é o único aspecto que forja um “guerreiro”? O que é preciso para compor esse guerreiro? Quais são as características que fazem parte de um lutador de MMA?

À primeira vista, pode-se pensar em instrumentos como técnica e treinamento, todavia, a prática é muito mais carregada de simbolismo do que pode aparentar. Observa-se melhor esse aspecto em Mariante Neto *et al.*, (2021), os quais norteiam a lógica dessa categoria, por tratarem de forma precisa e direta a questão da construção identitária do lutador, ao realizarem uma etnografia. É interessante observar que Thomazini, Moraes e Almeida (2008) em sua interpretação de Wacquant (2002) a respeito do que representa a academia para os lutadores, dizem que:

em seu célebre estudo com lutadores de boxe, conclui que o espaço da academia constitui uma verdadeira escola da moralidade, uma máquina capaz de fabricar o espírito da disciplina e do sacrifício que converge para o controle e a domesticação da força física e da violência desmedida contra o outro (p. 2).

A figura de um mestre, professor ou orientador é uma das características fundacionais que norteiam essa lógica, até por que, o que seria de um guerreiro sem o seu mentor? Inclusive, ocorre de pôr vezes, quando na ausência dos seus treinadores e na presença de outro mentor, os atletas se retirarem do treino (MARIANTE *et al.*, 2021), afirmando assim a autoridade e hierarquia presente dentro dos salões de treinamento. O uso de termos tais como professor e orientador se dão pelo fato de serem amplamente conhecidos e compreendidos, já que dentro do *campus* o único termo que os lutadores utilizam é mestre, que pressupõem algo que vai bem além de apenas um professor (MARIANTE NETO *et al.*, 2021). Para o sociólogo francês Bourdieu (2004), cada agente ocupa um lugar no campo social no qual está inserido, assim, o “mestre” representaria o topo hierárquico do salão de treinamento. Sobre isso, escutando um dos colaboradores do seu estudo, Mariante Neto *et al.*, (2021) transcreveram que:

Em relação ao mestre e professor. Isso é uma coisa que eu penso bastante: pra mim um mestre é muito mais do que um professor. O mestre não te ensina só a arte marcial, a técnica, ele te ensina como viver. Tu acabas tendo um vínculo com teu mestre muito maior do que só a arte marcial. Então, eu considero isso muito importante. Inclusive eu tive essa minha última luta que eu fiz em Santa Catarina e eu tive que vencer duas lutas: uma foi dentro do octógono, e a outra luta foi eu estar sozinho. Sem estar no meu corner o meu mestre Santiago, que me dá muita confiança, eu posso confiar nele tranquilamente, eu sei que o que ele disser pra mim é de coração, não vai ser falso, vai ser sempre verdadeiro. Então, isso pra mim conta muito (p. 7).

Tal posição ocupada pelo mestre, muitas vezes é legitimada pelas suas conquistas e trajetória de sucesso dentro do mundo das lutas. O mestre descrito na etnografia de Mariante Neto *et al.*, (2021) foi boxeador profissional, é faixa preta de jiu-jitsu e possui várias lutas no *muay thai*. É necessária muita experiência para conduzir diversos indivíduos durante as sessões de treinamento, e a forma como o mestre conduz a aula é de extrema importância.

Irmãos de treino é um termo que tem grande importância no mundo das lutas, já que, por mais que elas ocorram de maneira individual, os treinos são coletivos. Não sendo apenas o mestre responsável pela preparação do lutador, mas também os seus parceiros de treinamento, esse sentimento de irmandade é evocado várias vezes em estudos de campo sobre o MMA (MARIANTE NETO *et al.*, 2021), sendo o “irmão de treino”, peça fundamental na preparação para uma luta.

Tal fato é corroborado pela fala de um mestre no estudo de Mariante Neto e Vasques (2023, p. 10), que diz, “cuidem dos seus parceiros de treino”. Se vocês os machucarem não terão mais com quem treinar”. É notável que existe uma clara distinção entre luta e treino, e entre parceiro de luta e adversário. A violência ocorrida dentro desse meio é controlada, momentos de maior intensidade são regulados pelos “mestres” e por lutadores mais experientes, logo, legitimados em alguma medida nesse espaço (MARIANTE NETO; VASQUES, 2023).

Os valores que se percebem no universo do MMA são muito semelhantes aos ocorridos dentro de um seio familiar. O sentimento de pertencimento é latente e pulsante, os indivíduos que compõem esse campo social de fato se sentem parte dele e se defendem. A necessidade de legitimar a superioridade de sua prática também surge desse sentimento de pertencimento, a busca pela aceitação e exaltação do jiu-jitsu o cerca desde sua gênese. Tal pertencimento é ampliado para a dimensão da expressão de família nuclear para clã e isso pode ser observado quando se via os membros do “Clã Gracie”, que a cada ano cresciam mais e mais, invadiam academias desafiando praticantes das demais modalidades, o que acabava por instaurar rixas entre esses grupos (LINCK; MOREIRA; VASCONCELLOS RIBEIRO, 2012).

Dessa forma, é possível notar que determinadas características presentes no processo de forjamento do guerreiro, são necessariamente entrelaçadas a um determinado tempo histórico. Para os praticantes de uma academia séria, tal como a relatada por Mariante Neto *et al.*, (2021) há uma diferença muito marcante entre o que é uma luta de MMA (portanto, legítima e moralmente superior) e o que é considerado briga (THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2008). Isso difere do relato mencionado pelos praticantes da família Gracie, que em determinado tempo histórico, buscavam provar a superioridade de sua prática, por meio brigas nas ruas, nas academias, bares e locais públicos (LINCK, MOREIRA, RIBEIRO, 2013).

É notório que ao longo do tempo, houve uma mudança no código de sensibilidade e de conduta, e uma menor tolerância dos níveis aceitáveis de violência, fato que é corroborado pela noção de esportivização de Elias (1992). Dessa maneira, a violência que ocorria nos mais diversos espaços, passou a ser regida por leis estatais e regimentos internos, seja da esfera penal, da arte marcial ou da academia de luta, que visam impedir que atitudes como as realizadas pelos praticantes de Jiu-Jitsu no século passado sejam repetidas. Da mesma forma, delimitam que as lutas se restrinjam apenas aos locais adequados para a prática, correndo o risco que aqueles que

descumprirem estas regras sejam punidos tanto na esfera penal, como enquanto atletas de uma academia, o que significaria a exclusão daquele indivíduo daquele determinado espaço social.

4. Algumas conclusões sobre a produção de conhecimento no âmbito das artes marciais mistas.

A presente pesquisa visou apresentar os resultados dos estudos e debates realizados ao longo da investigação sobre a Produção de conhecimento sobre as Artes Marciais Mistas (MMA) no âmbito da Educação Física e Humanidades. Como objetivo geral desta pesquisa, buscou-se investigar o lugar do MMA na produção de conhecimento da Educação Física e Humanidades.

As buscas foram situadas em quatorze grandes periódicos científicos, sendo eles: Arquivos em movimento, Biomotriz, Conexões, Esporte e Sociedade, Folia, Kinesis, Licere, Motrivivência, Motriz, Movimento, Pensar a Prática, RBCE, RBEFE e DEF, encontrando-se produções apenas de autores das regiões, Nordeste, Sudeste e Sul. Esse fato indica que há carência de projetos de estudos nas regiões Norte e Centro-oeste, não possuindo nenhuma produção nas revistas pesquisadas. Tais dados apontam a contribuição da presente pesquisa, em virtude de impulsionar a discussão sobre o MMA a partir do olhar de uma das regiões que ainda apresenta menor presença na produção de conhecimento nacional em termos quantitativos.

As contribuições de Elias e Dunning (1992) são de extrema importância, e foram elas que possibilitaram a interpretação do conteúdo e uma compreensão mais apurada desse fenômeno cultural de repercussão mundial que é o MMA. O conceito de esportivização, termo cunhado pelos renomados sociólogos acima citados, foi de fundamental importância, já que forneceu subsídios para a compreensão do fenômeno MMA, nos campos Sociologia do Esporte e Educação Física.

A terceira seção deste estudo tratou da discussão central do trabalho, na qual se pretendeu apresentar e interpretar os resultados da pesquisa, subdividindo-a em três subseções, que são fruto de três categorias, que surgiram a partir da imersão no material empírico com base na técnica da análise de conteúdo. As categorias foram responsáveis por comportar todo o material resultante da coleta de dados, sendo elas: MMA: Construindo um espetáculo; MMA e mulheres atletas; MMA, performance e o *ethos* do guerreiro. Como principais inferências da última seção, destaca-se que:

- 1) O MMA é um espetáculo, sua gênese é envolta da lógica mercadológica, quem decide quem luta, com quem luta e quando luta, é o dono do evento. A meritocracia da prática é definida por quanto um lutador pode trazer de lucros para a casa, ou seja, o evento/empresa. A lógica máxima da luta é dar um *show*, dar um espetáculo. No percurso de construção desse modelo esportivo, notou-se que era necessário a humanização dos atletas, tal recurso foi utilizado de maneira profícua pelos idealizadores para se atingir números cada vez maiores de consumidores e fãs.
- 2) No caso da discussão sobre MMA e mulheres atletas, evidencia-se que a luta travada pelas mulheres não ocorre somente no octógono, mas também com os homens que entendem que aquele espaço é de ocupação exclusivamente masculino. O mesmo se dá com outras mulheres que concebem que a presença feminina como praticante no esporte, somente deve ocorrer, se traços femininos e delicados forem evocados na personalidade das lutadoras. Além desses aspectos, os meios midiáticos tendem a reproduzir a imagem da mulher de forma estereotipada, tendo a mesma que ser portadora de: emotividade, heterossexualidade, atratividade e estar no papel de esposa e mãe.
- 3) Em MMA, performance e o *ethos* do guerreiro, pergunta-se: o que é necessário para ser um guerreiro? A lógica do mundo da luta é posta de forma verbal e em práticas tácitas, o guerreiro precisa possuir habilidades técnicas e capacidades musculares avantajadas. Além disso, é parte de um campo social específico, sendo esperado dele determinadas atitudes ora com a arte marcial, ora com os companheiros de treino e com seu mestre. Aquele que foge das regras não necessariamente verbalizadas, está fadado à exclusão desse grupo social.

No que diz respeito ao âmbito escolar, apenas um artigo discorreu de forma direta sobre o trato do MMA na escola, que foi o trabalho de Vasques e Beltrão (2013). Os autores levantam diversas questões, como a de que os conteúdos escolares emergem da realidade dinâmica e concreta, portanto é direito dos estudantes da educação básica terem acesso a esse fenômeno cultural. Todavia, ocorre um afastamento quase que completo desse objeto em relação ao meio escolar, por conta de sua aproximação, mesmo que simbólica, com a violência.

Há também o receio dos professores de abordarem um conteúdo que provavelmente não tiveram contato na formação inicial, que aliado à baixa produção acadêmica, dificulta ainda mais o trato desse conteúdo. Tudo isso são questões

levantadas pelos autores, e que ainda causam inquietação e necessitam ser discutidas de forma mais extensa e aberta entre os profissionais da área da Educação Física.

Acredita-se que o presente trabalho apresenta importantes contribuições para o trato do MMA na Educação Física escolar, já que foi possível elucidar temáticas que vão além da “esperada” violência, tratando-se das questões que deram origem à prática esportiva, a forma como ela é divulgada e promovida e questões de gênero, ética e diversidade. Vale destacar, que o recente estudo produzido por Autor e Autor (Ano) também defendeu a presença no MMA como conhecimento do currículo da Educação Física escolar, seja na unidade de esporte e ou na de lutas, em virtude da necessidade de a escola atualizar a explicação sobre determinados fenômenos socioculturais por via de manifestações contemporâneas no campo das práticas corporais.

Sendo assim, buscou-se promover subsídios para o campo da produção de conhecimento de MMA em periódicos científicos no Brasil, e possibilitar o prosseguimento de investigações posteriores. Assim, crer-se que estamos colaborando com a ampliação do conhecimento teórico de profissionais da Educação Física, Humanidades e demais áreas que se interessem na temática, proporcionando uma formação mais ampla e reflexiva aos estudantes de graduação e professores da educação básica e formação profissional.

Referências

ALVAREZ, Fábio de Lima; MARQUES, José Carlos. Breves Questionamentos Sobre o Fenômeno Midiático do MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas): uma Proposta de Estudo. In: Anais [Da] **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais das ciências**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Ministério da Educação, 2018.

DA SILVA, Grasiela Oliveira Santana; JAEGER, Angelita Alice; SILVA, Paula. Discursos de estudantes de licenciatura em desporto acerca das mulheres atletas de artes marciais mistas. **Movimento**, v. 27, p. e27037, 2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 2003.

DE ALVARENGA MIRANDA, Fernanda. O MMA no Brasil: um panorama da modalidade. **Esporte e Sociedade**, n. 20, 2021.

DEL VECCHIO, Fabricio Boscolo; DA SILVA, Kevin Cavalheiro; MIARKA, Bianca. Análise de Tempo-movimento em combates de Mixedmartialarts (MMA): Comparações entre gêneros. **Conexões**, v. 13, n. 3, p. 48-64, 2015.

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo; FERREIRA, João Luis Mulling. MIXED MARTIAL ARTS: ROTINAS DE CONDICIONAMENTO E AVALIAÇÃO. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 35, n. 3, p. 611-626, 2013.

DOS SANTOS, Igor Sampaio Pinho; MIRANDA FILHO, Vamberto Ferreira. Considerações sobre mídia e “heróis esportivos” do mixed martial arts. **Motrivivência**, v. 27, n. 44, p. 207-218, 2015.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa, Difel, 1992.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Mulheres e esporte: invisibilidades visíveis no skate e no fisiculturismo. **Gênero**, v. 10, n. 2, p. 293-310, fev./jun., 2010.

GOMES, Mariana Simões Pimentel *et al.* Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 207-227, abril/junho de 2010.

LINCK, Bruno; MOREIRA, Jorge; DE VASCONCELLOS RIBEIRO, Carlos Henrique. Resenha do livro "filho teu não foge a luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial", escrito por Fellipe Awi, Editora Intrínseca, 2012. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 333-352, 2013.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani. A configuração do esporte contemporâneo a partir de uma etnografia no MMA. **Esporte e Sociedade**, n. 38, 2023.

MARIANTE NETO, Flávio Py *et al.* A etiqueta da violência: mestre, irmãos de treino e família na equipe de MMA. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-24, 2021.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. A construção televisiva do MMA: o programa TUF Brasil e o processo de humanização do lutador. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. e002820, 2021.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; MYSKIW, Mauro. Da arte de artista no vale-tudo à arte de artesão no MMA: uma análise eliasiana das lutas. **Revista Pensar a Prática**. 2022, v.25:e72250.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. “Se perder e der show, vai lutar de novo!” MMA e o conceito de esporte. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27030, 2021.

MILLEN NETO, Alvaro Rego; GARCIA, Roberto Alves; VOTRE, Sebastião Josué. Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, p. 407-413, 2016.

MIRANDA FILHO, Vamberto Ferreira; DOS SANTOS, Igor Sampaio Pinho. Mídia, mercadorização esportiva e o movimento de popularização do MMA. **Pensar a prática**, v. 17, n. 3, 2014.

MOURA, Diego Luz et al. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 13, p. 1-22, 2010.

OLIVEIRA, João Paulo Silva de; MACEDO, Christiane Garcia; MILLEN NETO, Alvaro Rego. Autoapresentação corporal de lutadoras de artes marciais mistas (MMA) no instagram. **Movimento**, v. 27, 2021.

RUFINO, Luiz; DARIDO, Suraya. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez. 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquin. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Mais do que uma “questão de peso”: análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de MMA. **Movimento**, p. 795-808, 2016.

SILVA, Grasiela Oliveira Santana da; JAEGER, Angelita Alice.; SILVA, Paula. Mulheres atletas e artes marciais mistas: uma revisão sistemática qualitativa. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020.

SIQUEIRA, André Filipe Lopes; ARRUDA, Antonio; SCHWINGEL, Paulo Adriano. Lactato sanguíneo e percepção subjetiva de esforço em luta simulada por atletas de mma. **Pensar Prat**, v. 19, n. 3, p. 591-600, 2016.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; FERNANDES, Vera Lúcia Ferreira Pinto. resenha do livro mulheres no octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 797-801, 2017.

THOMAZINI, Samuel Oliveira; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, Felipe Quintão. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores (as) de mixed martial arts. **Pensar a prática**, v. 11, n. 3, p. 281-281, 2008.

VASQUES, Daniel Giordani. As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. **Esporte e Sociedade**, v. 8, n. 22, p. 1-23, 2013.a

VASQUES, Daniel Giordani; BELTRÃO, José Arlen. MMA e Educação Física Escolar: A luta vai começar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 289-308, out/dez de 2013.b